

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017

GT-10 – Informação e Memória

“VESTINDO O PERSONAGEM”: O CONTADOR DE HISTÓRIAS DO SÉCULO XXI

Laiana Ferreira de Sousa - (Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

Izabel França de Lima - (Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

Lídia Eugênia Cavalcante (Universidade Federal do Ceará - UFC)

"WEARING THE CHARACTER": THE XXI CENTURY STORY COUNTER

Modalidade da Apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Este artigo visa avaliar como as transformações técnico-sociais podem ter impactado no costume tradicional de contar histórias e como o bibliotecário narrador contribui para preservar a cultura e memória da sociedade diante de uma nova visão dessa prática. Considerando as mudanças advindas de um novo paradigma social, marcado pela conectividade e pelo acesso à informação via recurso digitais, compreender como uma arte datada de séculos tão longínquos pode ainda fazer parte de uma história que começa a ser contada nos livros com a presença das tecnologias, cumpre também preservar e salvaguardar a tradição oral da contação de histórias por seu valor e função social que perpassam os indivíduos em suas raízes históricas. Aqui apresentaremos parte dos resultados de uma pesquisa de Mestrado que busca, a partir do método de História Oral, conhecer as práticas literárias de contadores de histórias, direcionando nosso olhar às características peculiares do narrador contemporâneo. Durante a escuta dos relatos, foi possível entrever ações de mediação de leitura integradas ao novo contexto mediado por mídias digitais. Atualmente, os contadores de histórias buscam nos livros suas inspirações, dando voz às letras escritas e servindo de veículo transmissor da literatura escrita através da tradição oral. Por certo, apesar das transformações sociais ocasionadas por novas formas de comunicação, o contador de histórias ressurgiu como uma figura urbana, que sobe nos palcos, usa artifícios, mas que não perdeu a força do olhar, da expressão e da tradição oral.

Palavras-Chave: Memória; Oralidade; Contador de Histórias.

Abstract: This article aims to evaluate how technical-social transformations may have impacted on the traditional custom of storytelling and how the narrator librarian contributes to preserving society's culture and memory in the face of a new vision of this practice. Considering the changes coming from a new social paradigm, marked by connectivity and access to information via digital resources, to understand how an art dating from such distant centuries can still be part of a story that begins to be told in books with the presence of technologies, It is also necessary to preserve and safeguard the oral tradition of storytelling for its value and social function that pervade individuals in their historical roots. Here we present part of the results of a Master's research that seeks, from the method of Oral History,

to know the literary practices of storytellers, directing our gaze to the peculiar characteristics of the contemporary narrator. During the listening of the reports, it was possible to visualize actions of reading mediation integrated to the new context mediated by digital media. Nowadays, storytellers search the books for their inspirations, giving voice to written letters and serving as a transmitter of literature written through oral tradition. Indeed, in spite of the social transformations occasioned by new forms of communication, the storyteller has resurfaced as an urban figure, who rises on stage, uses artifice, but has not lost the strength of the look, expression and oral tradition.

Keywords: Memory; Orality; Storyteller.

1 INTRODUÇÃO

Os séculos XX e XXI são marcados por mudanças e transformações que impõem novas formas de acesso ao conhecimento para além da palavra dita. A contemporaneidade apresenta-se como uma época em que o cotidiano se divide entre a interação social de indivíduos e o paradigma tecnológico composto de imagens eletrônicas e virtualidades, com uma realidade reconfigurada através da interatividade do espaço virtual. Atualmente, grande parte de nossas experiências cotidianas são mediadas por situações e contextos construídos por informação, representados por imagens e signos. Basta refletirmos sobre o tempo que gastamos vivenciando experiências diretas em detrimento daquelas em que somos mediados pelas informações.

Nesse contexto midiaticizado, práticas comuns à espécie humana foram sendo substituídas ou reconfiguradas. A necessidade de conversar ou ouvir uma história, por exemplo, vem sendo, cada vez mais, suprida pelo uso dos aparatos tecnológicos, sobretudo o manuseio das redes sociais, onde grande parte da população encontrou novas formas de relacionamento. Esses novos costumes da contemporaneidade não atingem apenas as gerações atuais, os adultos que cresceram numa sociedade onde o hábito de sentar nas calçadas era presente, hoje, convivem e se apropriam dessa nova lógica comunicacional, muitas vezes dentro de casa, sem contato com os vizinhos.

Contudo, apesar das mudanças presentes na sociedade atual, a oralidade não perdeu seu espaço, mesmo de modo diferente, ela continua presente no cotidiano das pessoas. Na realidade, o que está acontecendo é uma mudança nas formas de se apropriar do conhecimento, fazendo com que antigos costumes sejam reinventados e remodelados para atender o sujeito contemporâneo.

Em meio às mudanças presentes na sociedade atual, de modo aparentemente contraditório, ocorre um retorno significativo às narrativas pela voz do “novo contador de

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

história”. Seja por força de um modismo, seja por uma necessidade inerente ao homem de se comunicar por meio da fala estética (BUSATTO, 2005), foi um retorno que muito surpreendeu, tendo em vista a industrialização e urbanização das cidades, e à enorme gama de estímulos científicos e tecnológicos da época atual. O contador de histórias ressurgiu numa sociedade letrada e encontra o seu espaço de mediador social da cultura e da leitura. Dessa forma, adequa-se às narrativas escritas, contando histórias presentes nos livros de literatura e mediando o processo de apreciação literária.

Esses “novos contadores de história” enfrentam o desafio de dividir espaço com as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), cuja interatividade e atração constituem elementos poderosos de entretenimento e conquista dos leitores. Nesse dilema, encontra-se o bibliotecário que, ao mesmo tempo em que se apropria das inovações, tenta preservar a identidade dos traços da narrativa e da oralidade tradicionais, preocupando-se com a formação do leitor e com o despertar para o prazer de ler desde a infância. Não seria difícil de imaginar a sua proximidade com os espaços das bibliotecas e a função de bibliotecário.

Em meio às mudanças presentes na sociedade atual, surgem indagações a respeito da superação do costume e arte de contar histórias: Quem é o contador de histórias contemporâneo e qual a sua contribuição para o fortalecimento da cultura e memória da sociedade? Qual o papel do bibliotecário como mediador social da leitura na formação do sujeito-leitor no âmbito das bibliotecas?

A contação de histórias como objeto de estudo deste artigo será estudada e analisada na perspectiva de identificar uma possível mudança de perfil dos contadores tradicionais até os dias atuais, analisando um período que se estende da segunda metade do século XX à primeira década do século XXI. O nosso objetivo é avaliar como as mudanças atuais podem ter impactado nesse costume tradicional e como o bibliotecário narrador de histórias contribui para preservar a cultura e memória da sociedade diante de uma nova visão dessa prática no contexto da contemporaneidade.

Para adentrar no estudo proposto, utilizamos como instrumento de pesquisa os relatos de vida orais de bibliotecários recém egressos, embasado no método de História Oral, visto que foi solicitado ao narrador que ele relate escolhas pessoais relacionadas à prática profissional enquanto mediador de leitura. Isto porque, partimos do pressuposto que tanto a história oral quanto as memórias de vida são procedimentos metodológicos que buscam

registrar, através das vozes e narrativas “testemunhos, versões e interpretações sobre a História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartilhamento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida”. (DELGADO, 2010, p.15-16).

A memória oral apresenta-se, portanto, como uma fonte rica de pesquisa no processo de preservação da memória e cultura de um povo. Sabe-se que antes da criação e difusão da escrita, as histórias, tradições, conhecimentos e ritos religiosos eram passados às gerações seguintes por meio da oralidade. Estudar e pesquisar as histórias e tradições a partir da oralidade permite “obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas.” (LOZANO, 2006, p. 16).

Aqui apresentaremos parte dos resultados de uma pesquisa de Mestrado que busca nas histórias de vida de contadores de histórias a resolução de problemáticas atuais, direcionando nosso olhar às experiências na prática da contação de histórias e as características peculiares do narrador contemporâneo.

As entrevistas foram realizadas com três bibliotecárias recém-egressas que atuam em bibliotecas públicas e escolares, já que esses espaços se configuram como lugares de promoção e mediação da leitura literária. Como é nosso intuito conhecer as novas práticas exercidas pelo contador contemporâneo optamos por entrevistar profissionais que se formaram nos últimos cinco anos, o que nos possibilitou entender de que forma a contação de histórias se desenvolve em meio às tecnologias midiáticas desde o momento em que eles deram início a esta prática.

2 MEMÓRIA, TRADIÇÃO E ORALIDADE: O CONTADOR DE HISTÓRIAS NA CONTEMPORANEIDADE

O olhar do homem no tempo e através do tempo traz em si a marca da historicidade. A partir de suas visões os indivíduos constroem os fatos históricos ao mesmo tempo em que fazem parte dele, já que o vivenciam. Sendo assim, a história como manifestação do fazer coletivo incorpora também vivências individuais através de uma dinâmica que reconstrói o passado ao tecer sua representação no presente, criando em um único enredo a trama das vivências coletivas. Le Goff (1984), historiador francês, afirma:

A contradição mais flagrante da História é sem dúvida o fato de seu objeto ser singular, um acontecimento, uma série de acontecimentos, de

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

personagens que só existem uma vez, enquanto que seu objetivo, como o de todas as ciências é atingir o universal, o geral, o regular (p.169).

A essa característica intrínseca da história fazemos uma relação com o costume da contação de histórias, já que esta prática reúne numa só voz a memória coletiva e singular de um povo na tentativa de fazê-la conhecida por gerações subsequentes. Muito do que temos hoje registrado como história nasceu das rodas de conversas, dos causos ouvidos, dos mitos contados, das histórias narradas “o gosto de contar é idêntico ao de escrever e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores” (MEIRELES, 1979, p. 42).

Grandes escritores valeram-se das narrativas populares para compor suas obras. O próprio escritor Guimarães Rosa, que apresenta o Sertão brasileiro como cenário da maioria das suas histórias, diz em uma entrevista, citado por Arroyo (1984, p. 19):

Nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza (...) desde pequenos, estamos constantemente escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas (...) deste modo a gente se habitua, e narrar estórias corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens.

Os contadores que se utilizam de histórias tradicionais o fazem por basear-se no seu vínculo com as experiências. No momento em que ocorre a valorização da cultura, costumes e valores, como também no compartilhamento da própria história, podemos ter a base sobre a qual se estruturam os processos identitários. (FARIA; GARCIA, 2002, p. 126).

Nas antigas sociedades agrárias, contar histórias era um hábito natural, que ocorria com o objetivo de entreter, animar a população, mas também de informar e ensinar normas de conduta a seu povo, alertar a perigos existentes ou simplesmente para manter viva a herança cultural pela memória do grupo.

Para Benjamin (1983), os camponeses sedentários e os navegantes e/ou comerciantes foram os principais responsáveis pela preservação dessas histórias e dessa arte. Os camponeses por serem conhecedores de suas terras e os navegantes por trazerem histórias de lugares longínquos:

A experiência que anda de boca em boca é a fonte onde beberam todos os narradores (...) quando alguém faz uma viagem, então tem alguma coisa para contar, diz a voz do povo, e imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas não é com menos prazer que se ouve aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece as histórias e tradições de sua terra (BENJAMIN, 1983, p. 58).

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

Durante a noite sentavam-se ao redor de uma fogueira e ficavam à espera de ouvir os causos contados principalmente pelos mais velhos. Os contadores eram figuras de destaque na comunidade, conhecedores das histórias do seu povo, da cultura, dos costumes, eram os próprios produtores e personagens dessa história. O ato de contar histórias remete a esse tempo em que o homem confiava na memória e nas suas experiências. Benjamin (1994) assim define o narrador:

[...] figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não em alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio, pode recorrer ao acervo de toda uma vida [...] Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é conta-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir a mecha de sua vida (BENJAMIN, 1994, p.221).

Dessa forma, ouvir uma história, conta-la e reconta-la, durante muitos anos, foi a maneira de preservar os valores e garantir a construção da memória de um povo. “Toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência dos acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado.” (LOWENTHAL, 1981, p. 75)

Quando o registro do conhecimento estava na oralidade ou pintado nas cavernas os homens já identificavam a importância da memória como suporte construtor de identidades e solidificador das consciências. Santo Agostinho (2001), considerando a importância da memória, definiu-a como uma das categorias fundamentais da alma humana.

Estudar essa prática narrativa é considerar que o interesse por história leva ao interesse pela memória. A memória é algo inato do ser humano, posto que somos capazes de lembrar ou relembrar situações vividas. Relatos vivenciados a partir de uma experiência que pode ser coletiva, ao passo em que o indivíduo participa de um contexto social. Pollak (apud MOREIRA, 2011, p.01) afirma que a memória “é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato, uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”.

Pode-se considerar, portanto que a história faz parte da memória de uma sociedade, de um país ou um povo e que a oralidade ainda hoje mantém seu forte papel de transmitir o conhecimento. Por todos os cantos e lugares podemos encontrar história, não só em livros, enciclopédias, na internet, mas também através das vozes de um povo, o que confere um papel essencial à oralidade, na medida em que representa a reconstrução de fatos na memória

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

de um grupo (OTTE, 2011).

Como aponta Zumthor (1993), no século XV, a invenção da Imprensa propiciou novas e importantes formas de comunicação, especialmente nas sociedades burguesas. E, com o advento do capitalismo, a oralidade materializou-se, trazendo consigo a necessidade da leitura em um suporte físico, que possibilitasse tanto a transmissão do conhecimento, quanto a organização da informação produzida. As histórias eram, portanto, narradas a partir de um texto escrito. Entretanto, como abordam alguns teóricos, a impressão de livros não aboliu os costumes e tradição da oralidade, pelo contrário, lhe permite prolongamento entre as gerações.

Hoje sabemos que a palavra escrita não é uma ameaça para a memória, mas colabora com ela, registrando e tornando perene o que era efêmero. A memória e escrita, juntas, oferecem aos homens obras-primas da literatura mundial. Favorecem as gerações posteriores, permitindo-lhes conhecer o mundo através de registros escritos. (BUSATTO, 2006, p. 88).

Assim, pode-se entender a leitura visual, oral e escrita como um processo permanente de comunicação entre os indivíduos e o meio social. Afinal essa prática se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a interagir socialmente, provando, pois, que a leitura está nas conversas, nas escolas, nas rodas de brincadeiras, nas histórias que contamos na rua, na arte e na cultura, dentre vários lugares que permitem a percepção de olhares leitores.

Freire (2003, p.8) denominou essa prática como “leitura de mundo”, que, segundo o autor, antecede a leitura da palavra:

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavra mundo”.

Durante a formação do sujeito construímos, gradativamente, uma relação de dependência com a leitura, pois através dela tornamos possível a comunicação interpessoal, sendo este mecanismo fundamental para convivência social. À luz dessas considerações, servirão como análise desta pesquisa as histórias orais de vida dos bibliotecários contadores de histórias, como alternativa eminentemente investigativa, visto que nos propusemos investigar quem é o contador de histórias contemporâneo e qual a sua contribuição para o fortalecimento da memória e das tradições na atualidade. Desta forma, através da narrativa

das histórias de vida dos bibliotecários entrevistados percorremos uma dualidade que envolveu circunstâncias pessoais e de sua prática de mediação de leitura nas bibliotecas, conforme veremos a seguir.

3 CONHECENDO OUTRAS HISTÓRIAS: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE ANÁLISE

Com o objetivo de conhecer, descrever, analisar e refletir acerca da problemática em estudo a qual transita em torno de conhecer as práticas, a representação, o perfil e atuação do contador de histórias na contemporaneidade, utilizamos a entrevista, semiestruturada, gravada e transcrita conforme falada pelo respondente, para melhor análise. A metodologia empregada foi a História Oral, com ênfase na história de vida. Todo o processo foi realizado com base nos preceitos desse método, uma vez que, quando o pesquisador decide usar as fontes orais, é preciso ter em mente que a:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento de condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição [...] autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas (MEIHY; HOLANDA, 2007, p.15).

Os sujeitos desta pesquisa foram três bibliotecárias recém-formadas que atuam em bibliotecas públicas e escolares. Atualmente, eles exercem ações de mediação de leitura nas bibliotecas em que atuam, além de desenvolverem outros projetos que visam a promoção literária. As faixas etárias dos narradores escolhidos variam entre 26 a 28 anos de idade e o tempo de formação está dentro dos últimos cinco anos.

Como forma de preservar a identidade dos sujeitos, ao tornar público seus relatos de vida pessoal e profissional, o interlocutor será identificado por um nome fictício o qual foi atribuído a partir dos nomes dos personagens de livros que marcaram a vida de cada depoente, são eles Mafalda, Elisabeth e Maria.

A perspectiva de história oral de vida no delineamento proposto pela pesquisa, ou seja, com características de relato oral de vida (LANG; CAMPOS; DEMARTINI, 2010), é apoiada numa entrevista livre, a partir de perguntas sensibilizadoras de onde o relato poderá transcorrer naturalmente. Consideramos necessário, entretanto, mediar algumas perguntas condutoras para direcionar o fluxo da memória narrativa e manter a perspectiva de interesse da pesquisa. Nesse sentido, as entrevistas foram gravadas e a transcrição efetuada respeitando-se a estrutura discursiva e os vícios de linguagem dos sujeitos da pesquisa.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

As questões foram elaboradas de modo que os sujeitos pesquisados pudessem refletir sobre o desenvolvimento da contação de histórias na contemporaneidade, assim como caracterizassem suas práticas de leitura literária na biblioteca de atuação. O objetivo é conhecer o estilo literário de leitura, assim como as escolhas das obras e performances para a prática de contar histórias, visando conhecer o perfil do narrador contemporâneo.

É a partir deste novo perfil que surgiu o interesse de entender de que forma esses narradores desenvolvem suas atividades no âmbito das bibliotecas num contexto de relações midiáticas. Cabe aqui contar um pouco das histórias dos sujeitos que foram o combustível para produção desta pesquisa.

4 DA FOGUEIRA PARA O PALCO: QUEM É O CONTADOR DE HISTÓRIAS CONTEMPORÂNEO?

Apesar do costume de narrar histórias ser uma tradição muito antiga, a expressão “Contação de Histórias” só foi empregada a partir das últimas décadas do século XX. Busatto (2005) destaca, portanto, que se trata de um neologismo e de uma expressão relativamente nova.

Sabe-se que ainda hoje, a contação de histórias está presente na cultura popular, mas o narrador tradicional, aquele que se servia exclusivamente da voz, já não se apresenta mais da mesma forma. “Atualmente, esses sujeitos-narradores-contadores, herdeiros da tradição da oralidade, já se encontram inseridos num contexto mediado pelos novos meios de comunicação e transmissão de saber” (BUSATTO, 2005, p. 15).

Na contemporaneidade, no mundo marcado pela cultura virtual e pela velocidade do fluxo informacional, tendem a desaparecer os narradores espontâneos. Com o desenvolvimento tecnológico e o surgimento de novas mídias, como o livro, a televisão, o cinema e a internet, essa arte foi quase excluída dos encontros sociais. Isso porque, com o advento da imprensa, os livros e jornais tornaram-se os grandes agentes culturais da sociedade.

No passado, as histórias narradas, segundo Benjamin (1994), eram mediadas pelas experiências transmitidas pelos mais velhos, repassadas como herança cultural. Essas histórias contadas nas ruas encontravam na experiência de vida sua substância, sua forma e enredo. Portanto, o narrador nato, de acordo com o autor, era aquele que conhecia as histórias e tradições de um povo, histórias de navegantes, de terras distantes, saberes escondidos no passado, que lhes foram narrados e assim repassados por milhares de geração.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

No entanto, ainda que o costume de sentar ao redor da fogueira tenha se perdido com o tempo, todo o povo ainda possui histórias para contar sobre suas tradições, suas raízes e seu legado. Isso é demonstrado com o reaparecimento dos contadores de histórias no século XX, que, apesar do desenvolvimento e modernização da sociedade, retomaram as suas práticas narrativas de tradição oral, trazendo novos artifícios, criando novas histórias.

Atualmente, os contadores de histórias buscam nos livros suas inspirações, dando voz às letras escritas e servindo de veículo transmissor da literatura escrita. Além disso, para as contadoras de histórias colaboradoras da pesquisa, também é válido a busca por outros artifícios que chamem a atenção do leitor:

Eu trago atividades lúdicas, eu sempre levo um livro, a gente faz um trabalho lúdico com eles e é sempre muito diversificado [...] Tem vezes que eu levo histórias pra eles trabalharem, tem vezes que eu levo uma caixa, eles vão tirar alguma coisa de lá e fazer aquela brincadeira “eu conto a história”, então a gente faz muito aquela coisa lúdica pra atrair a atenção deles e pra trabalhar essa questão do gosto pela leitura (ELISABETH).

Nota-se uma forte associação da prática de contar histórias com o incentivo à leitura, já que o narrador contemporâneo busca no texto escrito argumentos e enredos para manter a atenção do seu público. Em contrapartida, ele exerce a função de mediador da leitura quando promove o acesso ao livro a partir das vozes e performances que vão desde a escolha de artefatos ao figurino escolhido:

*[...] no caso do infantil, usamos **histórias cantadas**, caixas, **brinquedos e dança**. Eles querem **participar**, então se eles não ficarem em pé e não dançarem, ai eles não querem, furta totalmente a atenção. Já para os maiores nós tentamos trabalhar realmente a questão da **imaginação**, uma roupa mais elaborada, um figurino, tirar a farda, se for contar de farda eles nem olham pra gente. Então tem um vestidinho próprio para os ‘**astreamentos**’, que é a fardinha do ‘**astreamento**’, (risos) (MAFALDA, grifo nosso).*

Além disso, o ofício do narrador oral exige dele habilidades do contexto cênico, pois este precisa articular expressões e movimentações que se encaixem com o enredo da história. Entretanto, o grande diferencial, encontra-se no modo em que o artista se porta diante do público. Ao invés de se esconder num único personagem, o contador de histórias na grande maioria das vezes alterna em seus papéis, ora como narrador, ora como personagem.

*[...] se for história infantil a gente **improvisa** né, mas sempre com a história **memorizada** e principalmente se for pra criança é muito importante que tenha apetrechos, **fantoques**, um véu, **chapéu**, balão, o que tiver a ver com a história, eu não uso muito a caracterização[...] você põe assim algum*

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

*apetrecho que deixe você parecida com algum **personagem** que você ta contando na história, mas a caracterização total que seria vestido, que seria capa, roupa total, eu ainda não utilizei na contação de histórias (MARIA, grifo nosso).*

Em sua pesquisa sobre a arte de contar história, Coentro (2008) destaca algumas das diferenças entre os contadores tradicionais e esses novos contadores. Assinala, dentre outras, o fato de as narrativas dos contadores tradicionais propiciarem momentos de reflexões, permitindo um intercâmbio de experiências entre ouvinte e contador, já que antigamente a sua imagem era associada àquele que sabia dar conselhos.

Hoje, dependendo do local de apresentação, nem sempre é possível essa troca de experiências, pois, muitas vezes, a contação acaba sendo um espetáculo com figurino e bastante performance. Além disso, apesar de ainda existir o contador de histórias que se utiliza apenas da voz e dos gestos na hora de narrar, quase sempre, ele não conhece seu público ouvinte.

Assim, o perfil do contador de histórias contemporâneo poderá variar de acordo com os objetivos de difundir sua arte. Atualmente, este narrador pode ser um profissional que vê na sua performance artística um modo de viver financeiramente. Por isso, existem diferentes cursos e oficinas que visam a formação de narradores para todo tipo de artista, seja ele um bibliotecário, animador de festa infantil, professor, educador físico, etc.

Nesse caso, será preciso que o narrador busque aperfeiçoamento técnico tanto para memorização e apropriação da história como para as escolhas de figurino e movimentação corporal. O bom desempenho da sua performance estará condicionado ao modo em que ele se preparou para aquele momento. Este tipo de contador contemporâneo subirá num palco e encontrará uma plateia desconhecida é preciso envolver essas pessoas com sua dinâmica e desenvoltura cênica.

Estando o narrador completamente envolvido com a narrativa, é preciso ainda que ele entenda o ritmo e a cadência da história, a fim de evidenciar para os ouvintes os diferentes momentos e fases da história. Sobre isto, Machado (2004, p.71) destaca:

A cadência é o ritmo, a “respiração” do contador de histórias, em consonância com a respiração da história. Para poder acompanhar a cadência da história, é necessária uma disposição interna do contador, para deixar-se levar pela respiração, pela cadência, pelo fluxo da narrativa, modulando a voz, o gesto e olhar, de acordo com os diferentes “climas expressivos” que o conto propõe.

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

O cenário em que as histórias são narradas também foi modificado com o passar dos anos, hoje os contadores se apresentam em escolas, bibliotecas, centros culturais, feiras de livro, museus, praças, aniversários, dentre outros espaços que se interessam pela difusão da leitura de modo divertido. A escolha do repertório está diretamente relacionada ao espaço e público de atuação, uma vez que os gêneros textuais para crianças e adultos diferem no seu formato e conteúdo.

Em vistas disso, as escolhas das histórias irão variar de acordo com o público, ocasião ou perfil do narrador. Este contador urbano pode simplesmente escolher recontar uma história que foi lida, escrita por determinado escritor, pode ser que esteja disposto a contar um “causo” da sua comunidade ou de histórias que ouviu os antepassados contarem ou apenas contar uma história inventada por ele, a partir de seu repertório de vida. Porém, é preciso, ao narrar uma obra publicada, citar o título e nome do autor da história contada. Além disso, o contador nesse caso deve ser fiel ao texto narrado, mesmo que ele não decore como está escrito deverá, pelo menos, seguir o enredo e desfecho da obra.

Na realidade, para além da presença ou articulação no palco, é necessário ter uma relação com a história ou simplesmente o desejo que lhe move para conta-la. Acreditamos que nesse aspecto esteja o grande diferencial do contador de histórias para outros artistas. Assim como afirma Petit, o mediador “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p. 145). Portanto, o narrador de histórias também precisa ser um leitor e criar laços com histórias e personagens diversos. Essas relações do leitor com o texto literário são formadas a partir de suas interações pessoais e verbais vivenciadas durante toda sua trajetória de vida. Questão esta presente no discurso dos contadores ao tratarem das histórias que mais gostam de narrar:

*O poema é “Motivo” de Cecília Meireles, que eu até brinco que vai tá na lápide do meu túmulo, porque eu nunca esqueço esse poema e eu decorei ele com 14 anos e nunca me esqueci realmente, esse daí é pra sempre. Ele fala muito sobre a questão da poesia, que ela não sabe se fica, se passa, mas ela canta e essa canção tem uma asa ritmada e um dia ela sabe que vai estar mudo, mais nada, mas enquanto ela tá ali dentro daquela **poesia ela se mantém viva** (MAFALDA, grifo nosso).*

Outra peculiaridade do contador de histórias profissional é que este, geralmente, é convidado para fazer suas apresentações em lugares diversos, desde empresas e repartições públicas a festas infantis, por exemplo. Desse modo, a escolha da história poderá ser feita a partir de uma temática do evento ou simplesmente ser indicada pelo contratante. Além disso, muitas vezes, o fato de serem narradores de histórias contribui para trabalharem em

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

determinados espaços de mediação literária, portanto esperam do bibliotecário performances variadas e uma atuação que não condiz com o reconhecimento profissional nas instituições:

[...] quando você vai para o mercado de trabalho é um choque terrível de tudo, então você realmente descobre que assim como outras profissões, bibliotecário não é valorizado, mas que mesmo assim as pessoas esperam de você, é como se, mesmo não valorizando, a sociedade esperasse de você, então quando você olha pra aqueles alunos, eles lhe dizendo: ‘tia, mas aqui a gente só pega e devolve livro’, eles querem mais, eles não sabem expressar em palavras, mas eles querem não somente o serviço técnico, eles querem projetos que mostrem pra eles porque eles devem se apaixonar pela leitura (MAFALDA).

É importante que o contador saiba mediar estas situações de acordo com o seu perfil e, assim como a escolha do repertório, o ambiente de atuação poderá influenciar no desenvolvimento da apresentação. Além disso, saber aproveitar esses momentos como uma oportunidade de sempre descobrir ou desenvolver novas aptidões.

Eu estou desde 2012 como estagiária e a partir de 2015 como bibliotecária, então você começa a se perguntar qual a próxima coisa que vai fazer, tem que ver coisas novas. Então a gente tem que tá sempre sendo criativo, pra está trazendo coisas novas, porque se eu repetir história eles sabem: ‘Tia tu já contou essa viu?’ (risos). Gente é toda semana, quantas semanas que eu tenho no ano? Mas assim, é muito gratificante, quando as meninas tiram fotos eu adoro quando eles estão com as caras assim oh (Expressão de atento), quando eu to contando histórias, com aqueles olhinhos parecem que brilham, então assim, acho que é muito gratificante (ELISABETH).

No nosso entendimento, não é apenas um processo de mediação literária, mas de formação de leitor. Por mais que o Bibliotecário não exerça o papel de ensinar as crianças a lerem os códigos linguísticos, através da contação de histórias, eles estão desenvolvendo a capacidade interpretativa do aluno e assim contribuindo para o seu letramento. Esse é um trabalho transformador, que precisa ser expandido, conhecido e principalmente, reconhecido.

Existe também outra categoria de contadores de histórias, os quais encontram nas suas narrativas orais outros propósitos. A exemplo disto, tem o contador voluntário que realiza atividades em abrigos ou hospitais, que muitas vezes se utiliza de artifícios pessoais para chamar a atenção do ouvinte. Permanecem ainda os contadores das zonas rurais, que apesar da modernidade dos centros urbanos, está presente nas comunidades mais distantes. Este contador é aquele cujos “causos” foram repassados de outras gerações, vividos ou imaginados por ele e são recontados sem o compromisso de uma preparação formal ou um discurso ensaiado. Ele conta suas histórias espontaneamente para os amigos, vizinhos ou

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

parentes que se acomodam para ouvi-lo narrar e, mesmo sem saber, contribui para incentivar a apreciação da leitura literária e de mundo:

A minha mãe sempre contava histórias pra mim e pra minha irmã, isso foi uma tradição que passou de família, a vó dela contava pra ela, a mãe do meu avô, minha bisavó no caso, gostava de sentar na cadeira e contar as histórias os romances que ela lia. E a minha mãe tinha esse gosto pela leitura, então quando a gente era pequena e tava traquinando, alguma coisa assim do tipo (Risos), ela contava as histórias, isso antes de eu aprender a ler né (MAFALDA).

Finalmente, que cada contador tem o seu objetivo ao narrar uma história, pois além de ser um modo de difundir a literatura e, portanto, mediar a informação, a contação de histórias é uma arte, deste modo o contador de histórias é um artista livre para definir o modo que mais lhe representa como um narrador. Esta liberdade, por exemplo, pode vir ao encontro à escolha do figurino e do modo em que ele mantém o ritmo e andamento da contação, seja fazendo uso de objetos relacionados com o enredo da história ou se utilizando de instrumentos sonoros. O que Machado (2004) chama de “bagagem do contador”, que seriam os recursos que acompanham este narrador na sua prática. São estas e outras características que fazem deste narrador um sujeito ainda tão presente em muitos lugares:

A boa memória, o talento interpretativo, o inventivo – a imaginação, a mímica, a voz, toda uma arte de representar – a capacidade de utilizar oportunamente o repertório fazem dos contadores de histórias, ainda hoje, personagens indispensáveis a determinados ambientes (MEIRELES, 1979, p.48).

É importante destacar que, apesar de ser vista como um espetáculo e muitas vezes até produzida como tal, a contação de histórias não é uma encenação teatral. Ela difere dessa arte por manter o foco da apresentação na história, no enredo e não no ator, como é o caso do teatro. Além disso, o contador de histórias está quase sempre sozinho na sua performance, por isso, muitas vezes, ele procura o envolvimento com o público, mantendo sempre o cuidado de não se perder dentro da história.

De fato, o narrador oral profissional artístico, hoje em dia, acaba vestindo-se de um personagem diferente a cada momento do “era uma vez”. Embora, é claro, o contador de histórias somente precise da palavra, do gesto, do olhar/escuta do ouvinte e do desejo de emocionar. “Assim, palavras, abertas em pétalas, começam a fundar o mundo. Palavras contadas misturam-se ao solo fértil e fazem brotar à luz das histórias adormecidas. ”

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

(SISTO,2001, p.128). O importante é seduzir o ouvinte com uma bela trama e que lhes emitam uma boa mensagem.

Apesar de todas as mudanças presentes nas formas de narrar uma história, é essencial que esse profissional deixe seu coração falar durante as apresentações, tornando sua performance diferenciada das demais. A contação de histórias gera uma relação muito particular entre o conto e o narrador, por isso, a cada momento que um mesmo texto for narrado ouviremos uma história diferente. Muitas vezes é nesse relacionamento que identificamos grandes contadores de histórias, é desse momento de apropriação da história que notamos o diferencial de cada narrador, pois ele dará vida ao conto, demarcando no texto escrito os momentos de mudança de voz, de postura e expressão facial.

Tem uma história, que ela não tem muita relação com a vida pessoal, mas ela me marcou tanto, porque todo canto que eu conto – ela é infantil – as crianças sempre saem comentando dessa história, eles sempre riem. [...] que é uma história que ela repete tanto que eles acham engraçado e eu lembro, a primeira vez que eu contei ela foi lá na Biblioteca Pública e o TV UFC tava lá e ai eles filmaram e eu não tinha visto a opinião dos meninos e ai teve uma menina que disse assim ‘tia eram muitos gafanhotos, e veio outro gafanhoto e... ai ela saiu contando a história e isso me marcou muito (ELISABETH).

Na performance do narrador o gesto e a palavra se encontram em uma suave sintonia e ambos constroem a narrativa. Vale destacar que cada contação de histórias torna-se diferenciada, pois o contador de histórias reage aos estímulos do público, gerando um fluxo contínuo de trocas simbólicas.

*Normalmente, eu nunca consigo contar com o **livro**, porque eu acho assim, que se eu não olhar pra eles, eu não vou conseguir **prender a atenção** deles. Então às vezes eu levo o livro pra eles entenderem que aquela história está naquele livro ali [...] Eu fiz a história da Maria vai com as outras, eles eram as ovelhas, eu levei uma ovelhinha pra cada, então eles iam pro lado, eles iam pro outro. Então tem que ser aquela coisa **interagindo**, participativa. [...] Eu tenho uns bebês que são de um ano e pouco, se eu chegar lá só pra contar histórias eles não vão olhar nem pra mim, então eu tenho que levar **adereço**, eu tenho que levar alguma coisa pra chamar a atenção, porque eles são muito crianças (ELISABETH, grifo nosso) .*

Na contação de histórias existe esse contato com o público ouvinte, o olho a olho, esse momento é importante para o narrador prender o ouvinte com o olhar. Outro ingrediente essencial é o sentimento, pois a sensibilidade está muito relacionada à atuação do contador de histórias. Para emocionar seus ouvintes no palco é preciso, sobretudo, acreditar na sua arte e no seu poder transformador. Uma história nunca é escolhida por acaso. Ela vem ao

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

encontro do contador, permitindo-lhe encontrar um pouco de si mesmo. É preciso gostar muito da história para poder contá-la.

A narrativa, conforme Benjamin (1994), seja originada da tradição oral ou da escrita, provém do mundo de artifices, e “vem à luz do dia” (BENJAMIN, 1994, p. 206), na voz do narrador. Para o autor a atividade de narrar se relaciona com o trabalho feito pelas mãos do artesão, pois assim como este dá forma à matéria o narrador dá voz narrável à matéria escrita, entre o corpo, o gesto e a palavra.

Foi através das histórias contidas nos livros que o Bibliotecário narrador encontrou no seu fazer profissional condições para exercer esse papel de mediador literário, nesse exercício ele encontrou possibilidades para dinamizar o acervo da biblioteca e contribuir para formação do sujeito leitor.

Nesse contexto, os narradores contemporâneos se dividem entre as práticas tradicionais da contação de histórias e os novos formatos de narração das histórias a partir do texto escrito, muitas vezes, mediados pelas tecnologias. Na conversa com os sujeitos da pesquisa, notamos a existência de diferentes maneiras de mediar a informação e leitura em tempos de smartphones. Por incrível que pareça, grande parte das ações de Mafalda e Elisabeth giram em torno da socialização da leitura através das tecnologias:

*Como partiu deles mesmos, nós descobrimos que eles tinham canais no **YouTube**, que pegam livros na biblioteca e alguns até pediam, porque lá só pode pegar até três livros por semana, eles diziam: ‘tia mas eu preciso de 5 livros’. Ai eu disse, mas porque você ler tantos **livros**? [...] ‘não tia, é porque eu tenho um canal’. Então, tendo em vista que temos muitos alunos que têm canais e que partiu deles mesmo essa ideia, criamos o primeiro **encontro de youtubers**, onde eles contam as suas experiências leitora. (MAFALDA, grifo nosso)*

Assim como um contador de histórias que busca emocionar, divertir ou simplesmente entreter o público, esses jovens “youtubers”, conforme destaca Mafalda, buscam chamar a atenção do máximo de seguidores em seu canal. Portanto, esses jovens selecionam o repertório pensando no público internauta, e ao mesmo tempo constroem uma espécie de personalidade leitora, de acordo com seus gostos pessoais. De fato, não deixam de se valer da oralidade, ainda que usando um recurso midiático “[...] e lá eles contam, usando o livro realmente, pegam abrem o livro e vão contando a história” (MAFALDA).

O mesmo fato ocorreu no depoimento de Elisabeth, de modo desprezioso, antes mesmo de saber dos objetivos da pesquisa em conhecer essas ações de mediação de leitura

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

no contexto atual, ela nos falou sobre um projeto desenvolvido na escola tendo por base um movimento gerado nas redes sociais da frase “Eu me chamo Antônio”, “Então a gente criou como se fosse um mural, eles chegavam e escreviam mensagens, uma coisa bem linda. E a gente viu a participação porque eles gostavam[...]”. (ELISABETH)

Além desta ação, Elizabeth falou sobre uma atividade denominada “selfie book” como forma de divulgar os livros da Biblioteca. De acordo com a contadora os alunos escolhem aquele livro que mais lhe representam e fazem uma *selfie* que será postada na página do Facebook da biblioteca. Por outro lado, apesar de agregar novas formas de explorar os dispositivos de comunicação, ela nota que, no momento em que as histórias estão sendo narradas, as tecnologias muitas vezes tiram a atenção do ouvinte:

Em relação ao ouvir histórias, nessa questão de nós contadores de histórias, essa coisa de parar pra ouvir, eu acho que atrapalha. Porque você percebe que querendo ou não pra eles o celular é muito atrativo, as mídias sociais elas são muito atrativas e por não conhecer também essa outra visão, dessa questão do mundo mágico da leitura e da contação de histórias eu vejo que tem uma certa barreira (ELISABETH).

Já na perspectiva de promover o compartilhamento e, portanto, favorecer o acesso às informações das práticas de narração literária, Maria, embora ainda não esteja desenvolvendo ações que explorem as tecnologias no âmbito da leitura, acredita nas possibilidades de potencializar o desenvolvimento da contação de histórias a partir das TIC's:

[...] eu acho que hoje, os grupos de contação de histórias estão em alta, quando a gente faz uma pesquisa na internet sobre grupo de contação de histórias, existem vários tipos [...] eu acho que inclusive eles podem ajudar, você tá fazendo uma contação de histórias e de repente você coloca um vídeo que tenha a ver com aquela história, um vídeo no data show, já coloca uma música durante a contação, enfim eu não considero que a contação tenha ficado para trás, eu acho que as narrativas orais elas tem que sofrer uma alteração[...], os contadores de histórias eles precisam acompanhar o crescimento, até porque as crianças de 20 anos atrás não são as mesmas de hoje (MARIA).

É interessante destacar na fala dos bibliotecários narradores a consciência da importância do uso das tecnologias de comunicação e informação (TIC) para leitura. Durante a escuta dos relatos, foi possível entrever ações de mediação de leitura integradas ao novo contexto mediado por mídias digitais. Entretanto, apesar de realizarem atividades de mediação de leitura através das mídias sociais, as contadoras de histórias, quase nunca, estão usando recursos midiáticos para sua performance. Em alguns momentos ainda divulgam fotos e vídeos em seus perfis, mas quase sempre utilizam as mídias sociais da biblioteca.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é segredo que a contemporaneidade se apresenta, paradoxalmente, como uma época em que o cotidiano se divide entre a interação social de indivíduos e o paradigma tecnológico composto por imagens eletrônicas e virtualidades, com uma realidade reconfigurada na interatividade do espaço virtual. Dessa forma, as relações sociais modificaram, o tempo para sentar-se na calçada e ouvir uma boa história já não faz parte do cotidiano acelerado do homem pós-moderno.

As novas formas de relações sociais que se estruturam no mundo virtual compreendem grande parte do tempo das pessoas. O sentido de comunidade vai sendo reconfigurado, eliminando, por vezes, o senso de coletividade. Conforme Benjamin (1994), mesmo vivendo juntos, estamos separados pela urbanidade dos espaços e do tempo.

Nota-se que a nova conjuntura social, permeada por interatividade e comunicações mediadas por tecnologias, exige que o contador de histórias tenha o domínio de técnicas corporais, sabendo se utilizar de expressões faciais para dar mais vida aos personagens e a narração. Além disso, este narrador busca, cada vez mais, o emprego de novos artifícios do ato de narrar, aperfeiçoando a sua técnica, usando adereços e complementos que torne essa ação mais divertida, já que concorrer com dispositivos de comunicação em rede é, sem dúvidas, um grande desafio.

Por certo, apesar das transformações sociais ocasionadas por novas formas de comunicação, o contador de histórias ressurgiu como uma figura urbana que sobe nos palcos, usa artifícios, mas que não perdeu a força do olhar, da expressão e da tradição oral. Seu veículo transmissor de conhecimento continua sendo a voz, marcando cada momento de emoção da história e revelando as intenções do narrador.

Dessa forma, a perspectiva de Benjamin (1994), ao concluir que a arte narrativa é rara e que está “em vias de extinção” devido à difusão da informação, parece não se confirmar de modo absoluto atualmente. O momento é outro, distante daquela década de 30 do século passado, quando W. Benjamin refletia sobre a narração oral. A tradição oral está se atualizando através do corpo e voz de novos contadores de histórias.

Nesse processo de transformação da arte de contar histórias percebemos, assim, a mudança do narrador, antes visto como guardião do conhecimento, detentor de experiências e sabedorias, um líder que dominava a oralidade e a manipulação de gestos, para a chegada

**XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP**

de um novo contador de histórias que possui o mesmo dom e sentimento para com a narração, mas convive com outras formas de comunicação e registro de informações.

A partir das leituras e análises realizadas, concluímos que o contador de histórias é um artista peculiar, que possui características intrínsecas ao seu fazer, por isso o distancia da arte cênica, teatralizada por atores. O contador de histórias usufrui do privilégio de poder escolher o seu papel, a sua fala, a sua história e o fim dela. Ele precisa da voz para surpreender os seus ouvintes e do olhar para envolvê-los naquilo que acredita. Apesar do palco, do figurino, das luzes, músicas e toda a produção de um espetáculo, a contação de histórias jamais perderá o vínculo com a magia literária, pois não se faz essa arte sem percorrer por entre as linhas infinitas do saber, não é apenas um papel a ser dramatizado, é uma história a ser vivida, contada e recontada.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Leonardo. **A Cultura Popular em Grande Sertão**: Veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 59

_____. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994

BUSATTO, Cléo. **Narrando histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. 132 f. 2005. Dissertação (Mestrado em literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

_____. **A Arte de Contar Histórias no Século XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

COENTRO, Viviane Silva. **A Arte de contar histórias e letramento literário**: possíveis caminhos. 2008. 207 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Departamento de Institutos de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008. Disponível em:
<<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000433074&fd=y>> Acesso em: 10 de jul de 2017.

DELGADO, L.A.N. **História oral, memória tempo e identidades**. 2. edição. Belo Horizonte – MG: Autentica, 2010.

FARIA, Hamilton; GARCIA, Pedro. Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário. In: _____. **O reencantamento do mundo**: arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário. São Paulo: Polis, 2002.

XVIII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2017
23 a 27 de outubro de 2017 – Marília – SP

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Moderna, 2003. (Coleção palavra da gente; v. 1).

LOWENTHAL, David. Como Conhecemos o Passado. **Projeto História (17)**. São Paulo: EDUC, 1981.

LOZANO, J.E.A. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LANG, Alice B. da S. G; CAMPOS, Maria Christina S. de S.; DEMARTINI, Zeila de B.F. (Orgs.). **História oral, sociologia e pesquisa: a abordagem do CERU**. São Paulo: Humanitas/CERU, 2010.

LE GOFF, Jacques. **Memória - História**. Lisboa: Imprensa Oficial/ Casa da Moeda, 1984.

MACHADO, Ana Maria. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

MEIHY, José Carlos S. B.; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto: 2007.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **História e memória: algumas observações**, 2011. Disponível em: <http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2017.

OTTE, M. W. A magia de contar histórias. **Instituto Catarinense de Pós-graduação**. Disponível em: <http://www.icpg.com.br>. Acesso em 25 jan 2011.

PAVIS, Patrice. **A Análise dos Espetáculos**. Editora Perspectiva, São Paulo: 2010

PETIT, Michéle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de narrar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.